

É como deixar de cruzar pontes

Francisco de Barros e Silva
Juiz federal

“Eu vivi quando esta campina era um grande delta: tudo era ilha, riacho, camboa, tudo era rio quando a maré enchia. E todos nós éramos pontes e pontilhões: vivíamos como atravessadores, de nós mesmos.”

“É como deixar de cruzar pontes”, concluiu.

Pouco antes, lhe disse do meu cansaço de viver, do que falo e escrevo, de perceber cada pessoa como um sistema que, enfim, ninguém conhece. E assim me forçar a acreditar numa comunicação cada vez menos crível.

A princípio não me respondeu, abriu-me seu sorriso e me sentou no seu colo, como se eu ainda pudesse me equilibrar em pé em suas pernas, como criança, com suas mãos nas minhas. Como uma memória feliz.

Depois me contou uma estória para não dormir.

Você nasceu na época dos aterros e dos grandes edifícios. Eu vivi quando esta campina era um grande delta: tudo era ilha, riacho, camboa, tudo era rio quando a maré enchia. E todos nós éramos pontes e pontilhões: vivíamos como atravessadores, de nós mesmos. Vivi para ver a construção dessas pontes que ainda restam. Vê aquela grande, que algema Antônio Vaz ao Bairro do Recife? Primeiro construíram um pilar em pedras, abraçado pelo rio. Esperou-se mais de ano para ver se ainda estaria em pé ou se iria abençoar o mar. Sem pressa. Como

resistiu, construíram outros pilares até que se acabaram as pedras: e isso ainda hoje nos diz muito, aqui as pedras têm um fim.

Quando se acabaram as pedras usaram uma madeira escura, que aparenta ser verde quando secam as marés: haveríamos de terminar. A ponte de nada vale quando incompleta: é uma relação humana.

Antes de você nascer aterraram tudo: em vez de construírem pontes, eliminaram as ilhas. Aterraram um rio e construíram por cima um canal, para lembrar que ali existiu água. É assim quando se escuta o rio subterrâneo: acredita-se num canal pouco crível. Mas os rios ainda estão por aí. E as pontes. E as ilhas. Numa noite silenciosa ande descalço pelo bairro antigo e sentirá a água sob os seus pés. A água ainda flui pelas ruas, ainda que extintas. Não se pode impedi-las de chegar ao mar.

Feche os olhos, meu querido, e veja quantos caminhos. Ao olhar para você eu fecho os meus olhos, e agora você é todo lembrança. Vejo os caminhos de suas palavras: até o mar. Não deixe que aterrem tudo. Desacreditar: é como deixar de cruzar pontes.